

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ARTES  
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

MAÍZA CLAUDIA TUISSI

**ESTUDO DE CASO SOBRE OS CIGANOS DO BAIRRO PAMPULHA**

UBERLÂNDIA  
2018

MAÍZA CLAUDIA TUISSI

**ESTUDO DE CASO SOBRE OS CIGANOS DO BAIRRO PAMPULHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Artes Visuais vinculado ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia – MG.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Roberta Maira de Melo

UBERLÂNDIA  
2018

**Ao tempo e sua infindável circularidade espiralada.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Joana D'arc e Aramisio Tuissi, pelo apoio e confiança nesses anos que estive longe de casa, dedico essa uma conquista à vocês. E ao meu irmão Daniel Marcos, pelas experiências compartilhadas enquanto estudantes universitários.

Toda a minha gratidão à minha orientadora, Roberta Melo, pela amizade e incentivo. Sou grata por me acolher nas minhas dificuldades de maneira terna e atenta e ter me ajudado a enxergar melhor minhas potencialidades, e claro, pelos apontamentos feitos neste trabalho. Minha futura trajetória docente será inspirada em você, com muito carinho.

Meu profundo agradecimento a todos os professores que mudaram significativamente minha vida acadêmica. Em especial à Cláudia França, por me despertar o olhar sensível e investigativo dentro do campo das artes visuais, e também por trazer questões da vida cobertas de poesia e misticismo.

Gratidão aos meus amigos, sem os quais eu não teria vivenciado grandes momentos na Universidade, Denis Gomes, Natália Troi, Daniela Dias Dutra, Gabriel Felizatti, Valéria Tosta, Cássia Cristina, Leila Sour, Rodrigo Oliveira, Calisson Arthur, Andressa Santos, Luiza Barra, Victória Barão, Bárbara Teles, Gabriel Henrique.

Sou grata à minha sempre amiga e artista Cláudia Regina. E ao querido amigo e confidente Luíz Fernando dos Santos.

Agradeço profundamente à Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Raquel Mello Salimeno de Sá e a Profa. Mestra Maria Carolina Rodrigues por compartilharem comigo a alegria desse encerramento de ciclo participando da banca de defesa.

Gratidão, gratidão, gratidão... a todos que estiveram presentes e mudaram significativamente minha vida, entre os anos de 2013 e 2018.

## RESUMO

O presente trabalho se propõe a fazer um levantamento de pesquisas científicas desenvolvidas em âmbito nacional e que contribuí para o avanço do reconhecimento da história, culturas e identidades dos povos tradicionais ciganos, que durante séculos viveram um racismo silencioso. O recorte escolhido abrange a chegada dos ciganos no Brasil, seus trânsitos no território mineiro e a inserção desses grupos na cidade de Uberlândia. São evidenciados a diversidade de identidades ciganas, presentes no universo simbólico de grupos e subgrupos ciganos que carregam traços culturais historicamente diferenciados, mas que partilham de uma mesma unidade étnica. Este trabalho se apoia nos estudos interculturais como base de análise para a relação entre ciganos e não-ciganos, em uma comunicação e tradução de seus costumes e crenças pautados no reconhecimento da diferença e na interação entre culturas.

Palavra-chaves: Cultura Cigana. Interculturalidade. Identidades.

## **ABSTRACT**

The present work proposes to conduct a research survey developed in a national scope and that contributes to the advance of the recognition of history, culture and identities of the traditional gypsy peoples, which underwent a silent racism during centuries. The selected chosen piece covers the arrival of gypsies in Brazil, their transit in Minas Gerais and the insertion of these groups in the city of Uberlândia. It is evidenced the diversity of gypsies identities, present in the symbolic universe of gypsies groups and subgroups that carry cultural traces historically differentiated, but that share a same ethnic unity. This work relies on intercultural studies as a base of analysis for a relation between gypsies and non-gypsies, in a communication and translation of their costumes and beliefs underlined in the recognition of difference and the interaction between cultures.

Keywords: Gypsy culture. Interculturality. Identity.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. CAPÍTULO 1 . BREVE HISTÓRICO SOBRE OS CIGANOS NO BRASIL.....</b>	<b>12</b>
1.1 Eternos caminhantes.....	13
1.2 Adentrando o Velho Chico em direção à Minas Gerais.....	15
1.2.1 “Correrias de Ciganos”: perseguições e massacres em território mineiro.....	18
1.3 Famílias ciganas presentes em Uberlândia.....	20
<b>3. CAPÍTULO 2 . REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS E CULTURAIS DA CULTURA CIGANA.....</b>	<b>26</b>
2.1 Um mosaico multicultural: semelhanças e diferenças culturais entre os ciganos.....	26
2.2 Diálogos sobre a interculturalidade.....	37
2.2.1 Um dia no acampamento: experiência intercultural.....	39
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 01** - Mapa da cidade de Uberlândia, em destaque o setor norte, onde estão localizados os bairros Brasil, Umuarama, Marta Helena e Nossa Senhora das Graças.
- Figura 02** - Tipos de assentamentos ciganos localizados no bairro Pampulha. Tipo 1: uma única tenda voltada para rua. Tipo 2: duas ou mais tendas dispostas de forma linear. Tipo 3: conjunto maior de tendas organizadas de forma circular.
- Figura 03** - Detalhe do tipo 1 de assentamento, bairro Pampulha.
- Figura 04** - Casa cigana ao lado de tenda cigana, localizadas no bairro Pampulha.
- Figura 05** - Ciganas Calón de diversas idades dançam pelas ruas de Boa Vista do Tupim, cidade de 18 mil habitantes no sertão baiano, localizada a 327 quilômetros de Salvador.
- Figura 06** - Roupas bordadas à mão, brilhantes e coloridas são a principal maneira que as ciganas encontram para expressar orgulho por sua identidade.
- Figura 07** - Os dentes de ouro permanecem uma marca importante da cultura cigana. Tem um valor estético, de marca de identidade e uma terceira função: expressar que sua família tem boas condições financeiras.
- Figura 08** - Fátima Almeida, 42 anos, é a sogra de Shanya, no fundo, e desempenha esse papel [de mãe] para ela.
- Figura 09** - Shanya, 15, e sua filhinha de 5 meses: já prometida para casar aos 13 anos, como a mãe.
- Figura 10** - Gypsy-Passion. Foto: Rolf Baverdick
- Figura 11** - Gypsy-Passion. Foto: Rolf Baverdick
- Figura 12** - Gypsy-Passion. Foto: Rolf Baverdick
- Figura 13** - Gypsy-Passion. Foto: Rolf Baverdick
- Figura 14** - Gypsy-Passion. Foto: Rolf Baverdick
- Figura 15** - Gypsy-Passion. Foto: Rolf Baverdick
- Figura 16** - Roms Chaudronniers. Foto: Eric Roset
- Figura 17** - Roms Chaudronniers. Foto: Eric Roset
- Figura 18** - Roms Chaudronniers. Foto: Eric Roset
- Figura 19** - Roms Chaudronniers. Foto: Eric Roset



- Figura 20** - Roms Chaudronniers. Foto: Eric Roset
- Figura 21** - Roma Children, Terzi Mahala, Prizren. Who we were, who we are: Kosovar Roma Oral Histories.
- Figura 22** - Albert Osmani with his mother and aunt. Gracanica. Who we were, who we are: Kosovar Roma Oral Histories.
- Figura 23** - Svestenik Emil, Rom Priest, Novo Brdo. Who we were, who we are: Kosovar Roma Oral Histories.
- Figura 24** - Fatima Jasari, Novo Brdo. Who we were, who we are: Kosovar Roma Oral Histories.
- Figura 25** - RROMA - Roemenië land van zigeuners. Foto: Carel Schutte
- Figura 26** - RROMA - Roemenië land van zigeuners. Foto: Carel Schutte
- Figura 27** - RROMA - Roemenië land van zigeuners. Foto: Carel Schutte
- Figura 28** - The Red Turban, Kanud. India. Foto: Joakim Eskildsen
- Figura 29** - Kamla, Mariam, Zarina, Manissa and Sabnam, Badka. India. Foto: Joakim Eskildsen
- Figura 30** - House in the Thar, Kanud. India. Foto: Joakim Eskildsen
- Figura 31** - Baji and Kusba, Samod. India. Foto: Joakim Eskildsen
- Figura 32** - The Zafiroopoulos Family, Glykia. Greece. Foto: Joakim Eskildsen
- Figura 33** - Dimos and Serpe, Veria. Greece. Foto: Joakim Eskildsen
- Figura 34** - Charlotta's Baby, Obukhovo. Russia. Foto: Joakim Eskildsen
- Figura 35** - Tamara and Katya, Leskovo. Russia. Foto: Joakim Eskildsen
- Figura 36** - Kosaya Gora I. Russia. Foto: Joakim Eskildsen
- Figura 37** - Rosalind, Krasnodar. Russia. Foto: Joakim Eskildsen
- Figura 38** - Acampamento cigano no bairro Pampulha. Foto: Maíza Tuissi
- Figura 39** - Vista do interior da barraca cigana, no bairro Pampulha. Foto: Maíza Tuissi
- Figura 40** - Mateus, Tauane, Yan, Isabela, Lizael. Foto: Maíza Tuissi
- Figura 41** - Mikael, Isabela, Mikaela, Mateus, Maíza. Foto: Eduardo
- Figura 42** - Aparecida, cigana semi-nômade, ao lado de Isabela e Tauane. Foto: Maíza Tuissi
- Figura 43** - Interrelação entre mulheres ciganas e não-cigana. Foto: Maíza Tuissi

## INTRODUÇÃO

A cultura dos povos ciganos remonta ao século XIV, quando estes vindos da Índia, fugidos do domínio muçulmano, caminharam em direção ao Oriente e à Europa chegando à América por volta do século XVI. Essa longa caminhada traduz uma forma de resistência e proteção aos costumes e crenças tradicionais desses povos, sendo o romani – a língua cigana – a expressão mais evidente de identificação e reconhecimento étnico. Nessa pesquisa, abordaremos a história e cultura dos ciganos no Brasil, bem como os preconceitos e cerceamentos que estes sofreram devido ao choque cultural com outras culturas. Apontaremos a diversidade de identidades presentes nos contextos culturais de grupos e subgrupos ciganos, marcados historicamente e territorialmente, porém que compartilham de uma mesma identidade étnica.

Para o diálogo historiográfico sobre a cultura cigana adotou-se como metodologia a revisão bibliográfica de pesquisas científicas desenvolvidas no âmbito acadêmico (artigos, dissertações e teses) que tem como apoio o banco de dados da plataforma AMSK – Associação Internacional Maylê Sara Kalí, organização que reuni todas as pesquisas já realizadas no Brasil sobre os povos ciganos. Devido ao caráter amplo dos recortes feitos em tais pesquisa, fez-se necessário uma seleção dos textos que embasariam este trabalho. Contamos também com o apoio do banco de dados da Universidade Federal de Uberlândia, sendo localizado uma tese sobre os ciganos locais, além de buscas no Arquivo Público de Uberlândia onde não foram encontrados dados sobre os ciganos.

No primeiro capítulo, apresentamos fontes históricas sobre a chegada dos ciganos no Brasil, ainda na época da colonização, quando estes migraram de forma involuntária sob ordens da Coroa Portuguesa para povoamento dessas terras. Tanto na América como na Europa, foram perseguidos por seus costumes e tradições e viram no nomadismo uma forma de escapar das amarras e cerceamentos que buscavam elimina-los culturalmente. Mais tarde, estes grupos localizados primeiramente apenas na região nordeste do país, adentraram o território mineiro e viveram um fluxo constante de idas e vindas entre as cidades, o que oportunizou a inserção desses sujeitos também na cidade de Uberlândia, onde vivem até hoje de forma semi-nômade, entre os estados de Minas Gerais e Goiás.

No segundo capítulo, evidencia-se a diversidade cultural e de identidades que partem do mosaico étnico cigano. Falar de cultura cigana é falar dos seus pluralismos, pois não existe uma única identidade cigana, esta é formada a partir de representações simbólicas e culturais que se assemelham ou se diferem de uma etnia a outra, segundo a formação histórica e

geográfica de cada grupo. Nesse contexto, buscamos através dos estudos interculturais, e de autores como Milton J. Bennet analisar como esses povos resistiram durante séculos em seus costumes, crenças e tradições, mesmo diante do contato global com diversas culturas, apresentando como através da comunicação competente entre as culturas, se torna possível a superação da negação de outros contextos culturais em razão de uma aceitação e reconhecimento das diferenças, o que nos leva a criar espaços de adaptações e ajustes culturais na tentativa de interação sem violações ou agressões a cultura do outro.

Para isso contamos nesse estudo com autores ciganos, como é o caso da pesquisadora Regiane Aparecida de Rossi Hilckner (2008) evidenciando seu lugar de fala, e demais pesquisadores como Rodrigo Corrêa Teixeira (1998), Frans Moonen (1996), Florencia Ferrari (2006), Franco Andrei Borges (2015) entre outros, e com o aporte visual de fotógrafos como Paula Fróes, Rolf Baverdick, Eric Roset, Carel Schutte, Joakim Eskildsen e outros.

## CAPÍTULO I

### BREVE HISTÓRICO SOBRE OS CIGANOS NO BRASIL

Ao discutir sobre minorias étnicas fortemente marcadas por perseguições e massacres em nosso país, retomamos a uma história de luta e resistência dos povos originários – os indígenas – e também de negros escravizados e outros imigrantes europeus que aqui fizeram morada após um trânsito geográfico em busca de sua (sobre)vivência. Muitos desses grupos vêm avançando em políticas de preservação e reconhecimento de suas heranças culturais, em um debate que se apoia na diversidade cultural, no respeito às diferenças e no combate à intolerância. Contudo há grupos, como é o caso de comunidades ciganas historicamente diferenciadas, que foram “esquecidos” pela sociedade e poderes públicos. Essa invisibilização converteu-se em uma forma de proteção aos costumes e crenças tradicionais desses povos e dos cerceamentos e perseguições que vinham do Estado, da Igreja, da polícia e, por vezes, da própria sociedade civil.

Este capítulo propõe recontar a história da chegada dos “ciganos” no Brasil e sua participação na formação histórica nacional que se inicia junto ao processo de colonização portuguesa, no século XVI. Estudos comprovam por semelhanças linguísticas a origem dos ciganos como sendo originários da Índia, uma vez que já nos séculos XIII e XIV “*ouve-se falar de uma gente de pele morena, coberta de panos coloridos, enfeites dourados e andar descalço que caminhavam juntos, sempre em frente, com suas crianças, velhos e cães em suas carroças*” (HILKNER, 2008, p. 1). Entretanto por não se adaptarem à nova ordem social imposta pelo sistema de castas na Índia Antiga, e sendo eles perseguidos desde então por seus costumes e tradições, restou-lhes caminhar. Caminharam em direção ao Oriente e à Europa, chegando à América entre os séculos XVI e XIX.

Vale ressaltar que as documentações produzidas sobre os ciganos são escassas, mas que as mesmas vêm avançando tanto nacional quanto internacionalmente, uma vez que há ciganos espalhados por grande parte do mundo. Sendo esses grupos culturalmente enfocados na oralidade e de idioma ágrafo, sua história foi por séculos registrada por não-ciganos que se dirigiam a eles como “sujos”, “trapaceiros”, “ladrões”, “incivilizáveis”, “vândalos”, “vagabundos”, “trambiqueiros”, “imorais” entre outros adjetivos negativos apontados pelos autores estudados. As fontes históricas são dadas em primeiro momento por memorialistas, viajantes e mais adiante aparecem nos jornais e noticiários policiais, sem nunca exaltar tais sujeitos por suas particularidades culturais. Segundo Lucimara Cavalcante, fundadora e diretora

da organização AMSK – Associação Internacional Maylê Sara Kalí, a difusão e propagação da realidade étnica, histórica, cultural e social dos povos ciganos no território brasileiro dada por meio de pesquisas científicas ajudam a fortalecer tanto as capacidades dos próprios ciganos na defesa dos seus direitos enquanto cidadãos brasileiros, quanto as capacidades dos gestores públicos do país na elaboração de políticas públicas voltadas para os direitos fundamentais desses povos, como saúde e educação.

## 1.1 Eternos Caminhantes

Há entre os autores revisados uma concordância ao que se refere a presença dos ciganos no Brasil, não restando dúvidas de que estes vieram expulsos de Portugal, em 1574. Documenta-se sobre a deportação de João de Torres, preso em Portugal pelo fato de ser cigano e condenado “*sob pena de cinco anos no Brasil, onde levará sua mulher [Angelina] e filhos*” (COELHO apud MOONEN, 1996, p. 1). Ainda assim não há evidências se essa família se instalou de fato no Brasil, se sobreviveram a longa viagem ou se realmente chegaram a embarcar, mas ao que tudo indica João de Torres viria acompanhado apenas de sua família e não “liderando um bando de ciganos” ou “chefiando numerosas famílias...” como defendem erroneamente alguns autores.

Segundo o pesquisador Rodrigo Corrêa Teixeira (1998), muitos dos ciganos degredados nesse período foram previamente enviados para colônias africanas, em destaque para Angola. No entanto, documentos portugueses oficializam que em 1686, cerca de 134 ciganos desembarcaram na capitania do Maranhão, como estratégia para que estes ficassem longe das áreas brasileiras de mineração e agricultura e também dos principais portos da colônia. A ocupação do interior nordestino tinha como finalidade a desocupação desse território pelos indígenas, uma vez que para a coroa portuguesa os ciganos apesar de perigosos representavam menos ameaça do que os povos dessa terra.

Mais tarde em 1718, outras capitanias como a de Pernambuco, Ceará, Sergipe del-Rei e Bahia abrigaram “diversas famílias de ciganos” para o fim de que esse fato se tornasse um ato cerimonial frente a grandes multidões portuguesas. Segundo Donovan apud Teixeira,

Como forma de expor publicamente sua determinação João V ordenou a deportação imediata de uma pequena comunidade cigana consistindo de cinquenta homens, quarenta e uma mulheres e quarenta e três crianças, então detidos na prisão municipal de Limoeiro. Seu banimento foi um procedimento

cuidadosamente planejado, servindo como um ato de Estado. A justiça do início do período moderno era praticada de uma forma deliberadamente cerimonial. Oficiais publicizavam o evento antes através de anúncios boca a boca ou públicos. Nesse caso o embarque do navio brasileiro, que sempre atraía grandes multidões, fornece o palco. A visão dos ciganos partindo acorrentados demonstrava para os espectadores o esforço da coroa pelo controle social. (DONOVAN apud TEIXEIRA; 2008: p. 16)

A primeira capital colonial brasileira, Salvador, tornou-se a mais importante cidade para os ciganos no Brasil, apresentando um grande crescimento demográfico e econômico dessas comunidades e gerando assim, por parte da Coroa, determinações e cerceamentos ao que fere seus valores culturais. Na Carta de Lei, apresentada a seguir, evidencia-se uma certa preocupação e o banimento por parte do Príncipe Regente de Portugal do idioma cigano – o romani<sup>1</sup> – tido como um dos traços culturais mais importantes para esses povos, símbolo do processo de identidade e reconhecimento cultural. Os “ciganos” foram antes e durante o período colonial no Brasil excluídos socialmente e saqueados em sua ciganidade, e como estratégia secular de resistência e permanência de sua cultura foram obrigados a não se fixarem territorialmente, vivendo assim a itinerância, o nomadismo.

Dom João, por graças de Deus, Príncipe Regente de Portugal e de Algarves, d’aquém e d’além Mar. Faço saber a V. Mercê que me aprouve banir para essa cidade vários ciganos – homens, mulheres e crianças – devido ao seu escandaloso procedimento neste reino. Tiveram ordem de seguir em diversos navios destinados a esse porto, e, tendo eu proibido, por lei recente, o uso da sua língua habitual, ordeno a V. Mercê que cumpra essa lei sob ameaça de penalidades, não permitindo que ensinem dita língua a seus filhos, de maneira que daqui por diante o seu uso desapareça. (JUNIOR apud HILKER; 2008: p. 37)

A deportação inquisitorial para povoamento das colônias portuguesas foi uma prática do século XVI e XVII, realizada com o apoio do Tribunal do Santo Ofício que tinha como objetivo degredar sujeitos considerados desprezíveis ao reino, tendo em vista os valores de pureza e dignidade preservados pela Igreja Católica. Assim, *a deportação cigana funcionava*

---

<sup>1</sup> Idioma ágrafo, ou seja, sem forma escrita e que conta para sua perpetuação com a transmissão oral de uma geração para outra. É também, um instrumento de manutenção e de reconhecimento da etnia cigana.

*como um mecanismo de defesa da ordem religiosa e social e de outra parte, um processo de purificação dos pecados cometidos.* (PIERONI apud HILKNER; 2008: p. 36)

Muitos dos delitos que levavam os ciganos a serem deportados, tocavam a fé e a sexualidade, como esclarece HILKNER (2008), sendo condenados por “feitiçaria” tanto no Brasil quanto na Europa, por manterem em seus costumes a prática da dança e das artes divinatórias. Ao se recusarem a empregar alguns sacramentos católicos como o casamento ou batismo de crianças, por exemplo, os ciganos eram perseguidos não só pelo reinado de Portugal como também pela sua forte aliada, a Igreja, que pretendia controlar seus corpos, bem como todas as parcelas da sociedade.

Um documento que comprova a perseguição religiosa contra os ciganos trata-se do primeiro dicionário português, escrito por Padre Raphael Blateau no início do século XVIII, ao designar como

Ciganos – Nome que o vulgo dá a uns homens vagabundos e embusteiros, que se fingem naturais do Egito e obrigados a peregrinar pelo mundo, sem assento nem domicílio permanente, como descendentes dos que não quiseram agasalhar o Divino Infante quando a Virgem Santíssima e S. José peregrinavam com ele pelo Egito. (BLATEAU apud HILKNER; 2008: p. 41)

Acreditava-se que os ciganos estavam na condição de peregrinos sem morada por terem negado acolhida ao filho da Virgem Santa, tendo estes saído do Egito, contudo essa informação sobre a origem e costumes dos ciganos foi ultrapassada e é tida hoje como mito, uma vez que estudos etnolinguístico comprovam a semelhança entre o romani e o sânscrito, língua da Índia Antiga e pelo fato de que estes se tornaram nômades involuntariamente. Outra discussão pertinente se refere a ausência da mulher na definição sobre quem são os “ciganos”, certamente pela pouca participação das mulheres na sociedade setecentista e pela submissão dessas ao Estado, a Igreja e aos homens.

## **1.2 Adentrando o Velho Chico em direção à Minas Gerais**

As comunidades ciganas, diferenciadas devido aos contornos históricos, geográficos e culturais dos lugares por onde passaram, também viveram um fluxo constante de idas e vindas dentro do território brasileiro. Todavia há entre os ciganos nômades, aqueles que já se sedentarizaram ou que vivem em condições semi-nômades, praticando suas andanças, mas

retornando para o mesmo lugar, que pode tanto ser tendas como casas. É especificamente sobre a entrada desses no estado de Minas Gerais que trataremos nesse tópico.

A chegada dos “ciganos” em Minas Gerais, data o início do século XVIII; entretanto há pesquisadores que defendem esse marco ainda no século XVII, embora sem documentação ou qualquer fonte histórica. Estes adentraram o território mineiro, vindos da Bahia a partir do Rio São Francisco, com as primeiras entradas baianas<sup>2</sup>. Em documentação de 1723, de Vila Rica (atual Ouro Preto), informa que pelo descuido de algumas praças da Marinha “várias famílias de ciganos” vieram fazer pouso nessa região.

“Pela extensão e características físicas do território, ainda que Minas dispusesse de inúmeras estradas e caminhos, eram os vales fluviais que cumpriam a função de ser a principal forma de adentrar o sertão.”  
(TEIXEIRA, 1998, p. 18)

Como de costume, também em algumas cidades de Minas Gerais não foram estes bem acolhidos e o desconforto dessa vez fora insinuado por ameaças de prisão aos ciganos, e não somente a eles, mas todo aquele que andasse em sua companhia ou que oferecesse hospedagem em suas casas ou fazendas. A sociedade em geral tinha a crença de que a presença dos ciganos trazia azar e se algo de ruim acontecesse eram eles os primeiros a serem culpados, a exemplo da epidemia de varíola que naquele tempo assombrava Minas Gerais.

Em 1737 o governador de Minas Gerais recomenda que a perseguição a esses sujeitos não mais deveria acontecer pelo simples fato de serem ciganos, e em nota adverte “*Pelo que toca a ciganos as queixas que há são só por serem ciganos, sem que se aponte culpa individual (...) tenho recomendado que prendam e me remetam os que fizerem furtos*” (TEIXEIRA, 2008, p. 18). Apesar disso, não houve grandes mudanças até o final de século XVIII, como aponta Dornas Filho (1948) sobre tal ação repressiva, citando inclusive cartas de Tiradentes, o herói mineiro nacional, responsável por comandar *por mais de uma vez a tropa de assalto ao reduto desses malfeitores, prendendo e matando ciganos às dúzias.* (TEIXEIRA, 2008, p. 19)

Com a chegada da família real no Brasil em 1808, quase um século a frente, grandes transformações modificam as esferas político-administrativas, econômico-financeiras e sociais da época, favorecendo a implantação do chamado Período Imperial, em 1822, onde o Brasil viera a se tornar um império independente. As Câmeras Municipais foram responsabilizadas

---

<sup>2</sup> Movimentos expedicionários empreendidos na época do Brasil Colonial com fins diversos, como a exploração do território e a busca por riquezas minerais entre outros.



em sistematizar os códigos de posturas<sup>3</sup> de acordo com suas próprias realidades, posturas essas que deveriam estar alinhadas aos ideais de civilização e progresso da época. Ao que diz respeito os ciganos, estes não escaparam de serem considerados “incivilizáveis” e sua presença era tida como ameaçadora para a saúde pública. Como ressaltado por Teixeira (1998)

A partir do início e avanço do século XIX, as autoridades da província punham em vigor medidas cada vez mais repressivas, com o fim de disciplinar a presença dos ciganos no espaço público. Essas providências buscavam retirá-los das ruas, evitando o comércio, a perambulação, a leitura da sorte; mas, preferencialmente, buscavam enviá-los para as cidades vizinhas. (TEIXEIRA, 1998, p. 34)

A postura adotada foi sem dúvida uma prática de exclusão que buscava mantê-los em movimento ou então, de coloca-los às margens dos limites urbanos. A civilização trazia uma distinção ao que diz respeito as esferas pública e privada, cuja a disposição condicionava a organização social separando os espaços e suas funções, a exemplo do local de trabalho e o de moradia. Contudo para os ciganos, a lógica não fora bem essa, pois usavam as ruas não somente como espaço de circulação, mas também de pouso, de comércio ambulante e apresentações artísticas. A movimentação contínua, a pé e a cavalo, não estava de comum acordo com o projeto civilizatório, pois segundo o grande historiador Foucault (1977) em seu livro *Vigiar e Punir: nascimento da prisão, fixar é um dos primeiros objetivos da disciplina, é um processo antinomadismo*. (FOUCAULT, 1977, p. 191)

Com forma de escapar a isso, diversos grupos ciganos marginalizados, submeteram-se a condições insalubres de conforto e higiene, vivendo em becos e ruelas onde a pobreza era estampada em suas roupas esfarrapadas, sendo considerados pela medicina social (o higienismo) uma anomalia social que *podia significar a transmissão de doenças físicas e moléstias morais* (TEIXEIRA, 2008. p.35). Era preciso, pois, distinguir espacialmente aquilo que podia significar o contágio, a doença e a feiura da cena urbana, para tanto adotou-se em cada núcleo urbano, tropas da brigada militar, a fim de que “essas gentes” ficassem entregues “aos cuidados” da Polícia, que os perseguiram tanto nos espaços públicos, como naqueles tidos

---

<sup>3</sup> Determinações político-judiciais previstas pelas Câmera Municipais, que estavam a cargo de decidir sobre o funcionamento e organização urbana.

como territórios próprios, delimitados por fronteiras subjetivas e existenciais constituído por elementos do cotidiano simbólico da cultura cigana - o acampamento<sup>4</sup>.

### 1.2.1 “Correrias de ciganos”: perseguições e massacres no território mineiro

A união entre forças policiais e população civil na repressão aos grupos ciganos é notificada em inúmeras notícias de jornais da época e de arquivos e relatórios criminais<sup>5</sup>, como levantado na tese de Regiane Aparecida Rossi Hilker, autora de origem cigana. No final do século XIX e início do XX, deu-se o ápice dos confrontos entre a polícia e os ciganos, as chamadas “correrias de ciganos”, que se tratava da movimentação destes em fuga, quando da invasão policial no acampamento cigano. Nessas correrias, como insinuam outros autores, existiam frequentes tiroteios que resultavam em mortos de ambos os lados. Muitas mulheres, crianças e principalmente idosos, estes tidos como “anciões” nas comunidades tradicionais, se colocavam a frente tentando evitar o ataque armado.

Donavan (1992) acredita que nas décadas precedentes a Independência conquistada em 1822, cerca de no mínimo quatro até sete mil ciganos viviam no Brasil, contudo ao que se refere as estimativas populacionais mineiras não se pode afirmar, pois durante todo o século XIX os ciganos nômades transitavam no território mineiro de cidade em cidade. Em análise, várias regiões do estado, sendo as mais citadas Ouro Preto, Mariana, Sabará, Queluz, Diamantina, Parahybuna, Dolores da Boa Esperança (atual Estrela do Sul), e outros municípios da Zona da Mata receberam grandes contingentes da força policial na tentativa de controle e higienização das cidades.

Em 1897 a aclamada força armada do Estado fez constantes marchas e contramarchas anti-ciganas promovendo uma luta sangrenta, e apesar de representarem a repressão autoritária nos combates e tiroteios, aos olhos da sociedade civil da época essa atitude tratava-se, segundo Magalhães (1897) de um *valor e lealdade sustentado á bem da segurança pública e dos direitos dos cidadãos*. A exemplo do seguinte episódio onde a morte de inocentes fora provocada pelo fato de serem ciganos:

---

<sup>4</sup>Conjunto de tendas dispostas de forma linear ou circular na periferia de um terreno ou lote, constituído basicamente de dois espaços: espaços privados e domésticos e área livre, de preferência central para uso coletivo.

<sup>5</sup> Trata-se de exemplares dos jornais O Pharol e Jornal do Comércio, disponíveis para pesquisa no Centro de Memória da Universidade de São Paulo, e de relatório criminais localizados no Arquivo Público da Cidade de Juiz de Fora e Arquivo Público Paulista.

No dia 25 de maio de 1897, o delegado de polícia de Cataguases, baseado em informações fidedignas, avisou ao major Jacintho Freire de Andrade, que se achava no Porto de Santo Antônio, de que a Aracaty havia chegado um bando de ciganos.

Nesse mesmo dia seguiu o major Jacintho Freire, em trem especial, com a força do seu comando, para Aracaty, onde teve notícia de que os ciganos achavam-se acampados em uma fazenda, dali distante uma légua.

A força abeirou-se da referida fazenda e, preparada, aguardava o romper do dia para entrar em acção, mas os ciganos pressentindo-a dispararam tiros que não a atingiram.

Imediatamente a força fez uma descarga sobre os bandidos, que em desordenada fuga deixaram mulheres, bagagens e animaes, sendo apenas atingidos pelas balas um homem, uma moça e um menino que morreram logo. Foram presos algumas mulheres e apprehendidos 23 animaes e bagagens. (MAGALHÃES apud TEIXEIRA, 1998, p. 43)

Ser cigano, no estado mineiro, significava a princípio ser suspeito ou criminoso, pois esses sujeitos não eram considerados em suas particularidades culturais, ou seja, tendo sua cultura própria; “sem pátria, sem lei e sem religião” eram notados pela falta de valores impostos por uma elite brasileira. Diferentemente dos ciganos alocados no Rio de Janeiro, no mesmo período, que conseguiram uma ascensão social e econômica devido a comercialização de escravos, mas que tiveram esse breve momento de prestígio decair com os movimentos políticos pela Independência e pela abolição da escravatura, em 1888. Os conflitos que se deram entre uma correria e outra - em Minas Gerais - aumentaram as concepções errôneas sobre os ciganos, afirmando os estigmas de serem estes *perturbadores da ordem, corruptores dos costumes, símbolo de desonestidade e imoralidade*.

Diante da ação subida e violenta com que os ciganos eram muitas vezes surpreendidos pela polícia, em suas escapadas desordenadas deixavam para trás muitos animais e bagagens, quando muito as mulheres e suas crianças. Aos ciganos era quase negado o direito à posse de bens, pois as acusações eram sempre no sentido de que se tratavam de posses roubadas. A apreensão daquilo que era deixado pelos ciganos, como por exemplo objetos, roupas, ouro e mulas, eram confiscados e leiloados em praça pública, e o valor dos bens repassados aos cofres do Estado, que justificava ter muito custos com “essa gente”. Além do fato de que qualquer cidadão naquela época, sendo não-cigano poderia prender um cigano e entregá-lo em uma delegacia mais próxima, podendo ficar com seus bens que lhe eram de interesse.

Essa é sobretudo a marca do processo de segregação desses povos em sua própria humanidade, uma vez que deles foram tirados os direitos à estadia nas cidades, ao comércio para sobrevivência, à expressão de seus costumes tradicionais (leitura da sorte, música e dança), aos bens e posses de que detinham e à união da família (em bandos) que para os ciganos é um importante vínculo no seu processo de reconhecimento étnico e cultural. Toda essa trajetória é resultado de um dos racismos mais silenciosos da história, que reproduziu e ainda reproduz estereótipos carregados de misticismos e preconceitos, sustentados pelo desconhecimento e pelo distanciamento causados pelas fronteiras culturais.

Dos fins do período Imperial até os primeiros anos depois de instalada a República, ocorreram inúmeras diligências policiais no encalço de bandos ciganos em Minas Gerais, que resultaram em sangrentos confrontos. Os anos de maior destaque destas fugas e perseguições, na imprensa e nos relatórios policiais, foram 1892 e 1897. Depois de 1903, no entanto, foi interrompida a enorme preocupação policial com os ciganos, desaparecendo as referências documentais sobre correrias ciganas. Passados alguns anos, eventualmente, houve problemas entre ciganos e polícia (1909, 1912, 1916 e 1917). Mas não houve qualquer continuidade com as "Correrias de Ciganos" ocorridas até 1903, o que justifica nosso marco cronológico final. (TEIXEIRA, 1998, p. 7)

### **1.3 Famílias ciganas presentes em Uberlândia - MG**

Poucas são as informações que nos apresentam os ciganos que passaram ou residem em Uberlândia, Minas Gerais - o que demonstra a princípio a diluição desses na cidade e a ausência do olhar da cidade para essas comunidades ou grupos étnicos. Dentro do levantamento bibliográfico realizado na plataforma AMSK – Associação Internacional Maylê Sara Kalí/Brasil foi encontrado apenas um artigo chamado “*Um pouco dos ciganos em Uberlândia*” (2011) dos autores Franco Andrei Borges e Kely Alves Costa que se refere aos ciganos locais. Fez-se necessário consultar o banco de dados da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia com o intuito de buscar por mais informações, sendo localizada uma dissertação intitulada “*Espaço e Cultura nos acampamentos ciganos de Uberlândia*” (1996), de autoria da pesquisadora Maria de Lourdes Pereira Fonseca. É a partir dessas duas principais fontes e de idas (trabalho de campo) aos acampamentos localizados no bairro Pampulha que pudemos ter conhecimento de como esses grupos são percebidos no município uberlandense.

Segundo Fonseca (1998) a cidade de Uberlândia não pratica ou praticou uma “política de hostilidade aos ciganos”, como em várias localidades do interior de São Paulo, o que facilitou a entrada e instalação dos mesmos na cidade em meados da década de 1970. Localizados a princípio na região norte da cidade, nos bairros Brasil, Umuarama, Marta Helena e Nossa Senhora das Graças (fig. 1), estes foram sendo ocupados por famílias de ciganos que buscavam por terrenos vazios e planos e de fácil acesso ao centro da cidade, onde usavam de estratégias para busca por trabalho. No caso dos homens o comércio em outras cidades ou na zona rural e, no caso das mulheres, a leitura de mão ou as vendas ambulantes no centro da cidade ou em locais de grande concentração de pessoas (supermercados, padarias, feiras livres). Segundo Borges e Costa (2011)

Muitos fatores determinam a chegada de ciganos em Uberlândia: a estrutura, o comércio forte, o pólo industrial diversificado, com grandes indústrias aqui estabelecidas, assim como as rodovias estaduais e federais que cortam a cidade, fazendo ligação com diversos outros pontos do país, além de ser hoje a segunda maior cidade do Estado de Minas Gerais [...] (BORGES, Franco Andrei; COSTA, Kely Alves, 2011, p. 13)

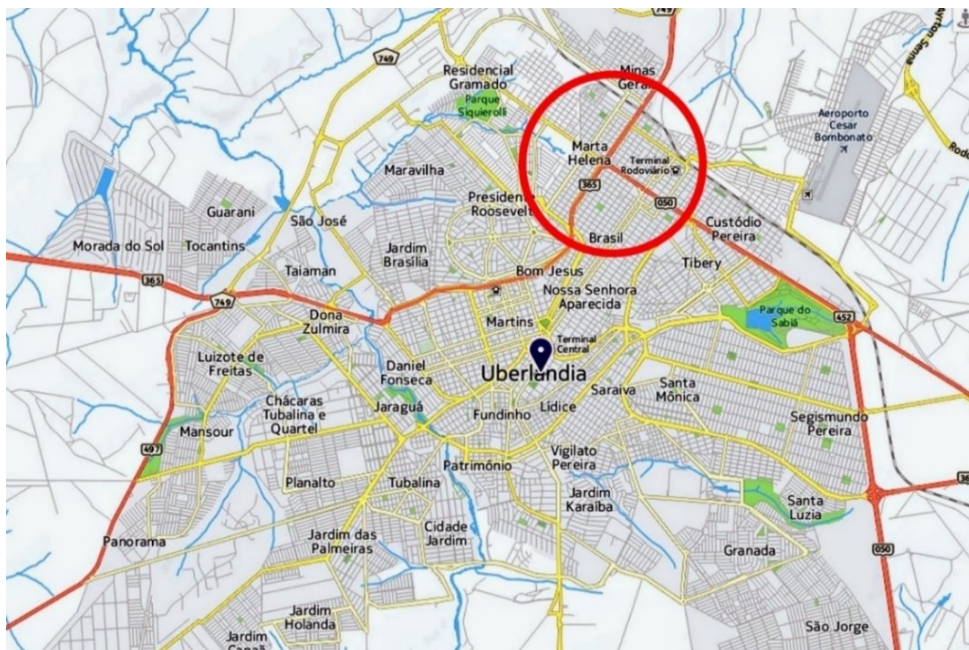


Figura 1 Mapa da cidade de Uberlândia, em destaque o setor norte, onde estão localizados os bairros Brasil, Umuarama, Marta Helena e Nossa Senhora das Graças. Fonte: <https://mapasblog.blogspot.com/2014/09/mapas-de-uberlandia.html>

Outro aspecto interessante que a pesquisadora Maria de Lourdes Pereira Fonseca levanta em sua tese é sobre os tipos de assentamentos recorrentes na cidade de Uberlândia, sendo esses



formados por tendas ou casas ciganas, contendo aspectos de semelhança no arranjo desses espaços. As tendas ciganas são muitas vezes dispostas em terrenos ou lotes, organizadas de três tipos: 1- em se tratando de uma única tenda no lote, esta estará voltada sempre para a rua, 2- duas ou mais tendas (no caso de família nucleares pais/avós filhos/netos) serão distribuídas linearmente com a frente voltada para um corredor lateral, 3 – em famílias extensas as tendas são fixadas de forma circular, onde as entradas se voltam para área livre central, não mantendo nenhuma relação direta com a rua (fig. 2 e 3).



Figura 2 Tipos de assentamentos ciganos localizados no bairro Pampulha. Tipo 1: uma única tenda voltada para rua. Tipo 2: duas ou mais tendas dispostas de forma linear. Tipo 3: conjunto maior de tendas organizadas de forma circular. Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-18.9349076,-48.2460018,269m/data=!3m1!1e3>



Figura 3 Detalhe do tipo 1 de assentamento, bairro Pampulha. 2019 Fonte: [https://www.google.com.br/maps/@-18.9353264,-48.2447521,3a,60y,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1s2Jr10LIsKhbMDtRBi9A\\_Tw!2e0!7i13312!8i6656](https://www.google.com.br/maps/@-18.9353264,-48.2447521,3a,60y,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1s2Jr10LIsKhbMDtRBi9A_Tw!2e0!7i13312!8i6656)

Ao passo que algumas famílias foram se sedentarizando surgem as construções de casas ciganas, que se assemelham as construções de não-ciganos, porém reproduz a organização interna das tendas, sendo normalmente mais espaçosas. A sala de estar tem papel de destaque por ser um ambiente de maior convívio social dessas numerosas famílias. Sem muito mobiliário nos quartos, as camas são substituídas pela prática de empilhar os colchões tais como nas tendas. A cozinha também tem grande importância, sendo um espaço destinado apenas às mulheres, onde são indispensáveis muitas panelas. As casas não substituíram as tendas de lona, pois estas ainda costumam ser montadas nos quintais ou fundos, enquanto a construção ainda estiver inacabada ou então para eventuais festas ou cerimônias. (fig. 4)



Figura 4 Casa cigana ao lado de tenda cigana, localizadas no bairro Pampulha. Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-18.9353682,-48.244491,3a,60y,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1sishRKhpSZaoK6XInMUvrYO!2e0!7i13312!8i6656>

Os pesquisadores BORGES e COSTA, levantam a questão sobre a relação de grupo existente nessas comunidades tradicionais, uma vez que não se vêem ciganos isolados ou solitários, pois onde se tem a instalação de uma família, outras famílias são rearranjadas no espaço do lote, partilhando de um mesmo espaço coletivo suas alegrias e tristezas em atos de comunhão. Estes autores acrescentam que *o grupo é a alma do cigano, é o espelho que reflete o seu próximo diante de si e o faz sentir dentro de uma fortaleza, e esta força que os mantém ainda unidos com seus conceitos e convicções de pertencerem a um grupo* (BORGES, Franco Andrei; COSTA, Kely Alves, 2011, p. 2). Sobre esse sentimento de pertencimento ao grupo, intrínseco ao processo de identidade social desses sujeitos, falaremos mais adiante.

Muitos dos preconceitos atribuídos aos ciganos como é o caso de serem chamados de ladrões e trapaceiros vem das relações comerciais que estes praticam com os sujeitos não-

ciganos, ou gadjós/gajón<sup>6</sup>. Em Minas Gerais, dá-se o nome de “catira” a troca de um produto por outro e onde há, na maioria dos casos, uma compensação em dinheiro. Os ciganos não somente vendem como compram, por exemplo carros e cavalos em uma determinada cidade para posteriormente vende-los em outra, a fim de aumentar seus lucros. É comum também as mulheres ciganas, trocarem a venda de seus serviços como a leitura de sorte em favor de alimentos, ou então venderem panos de pratos ou colchas. Sobre a catira,

[...] ou barganha, breganha, baldroca, negócio, rolo: as denominações são muitas – é uma das instituições mais sólidas do meio rural mineiro. Trata-se da troca de animais por bens de consumo, produtos agrícolas, dinheiro ou um pouco de cada, e vice-versa. Em algumas regiões é um negócio bastante freqüente e os negociadores são extremamente dedicados; em Minas Gerais serve para dispor bens sem serventia, trocar o miúdo pelo remediado e este pelo graúdo, para encorpar, aos poucos, os bens que compõem o patrimônio familiar. (RIBEIRO; GALIZONI apud BORGES; COSTA: 2011, p. 3)

Ainda mediante a leitura de BORGES e COSTA, que teve como proposta de projeto o estudo de crianças ciganas e sua relação com a escola na cidade de Uberlândia, foi enfatizado a importância da oralidade como um dos traços culturais mais importantes na transmissão e resistência dos saberes passados de uma geração a outra, sendo esses conhecimentos parte da herança cultural desses povos que mantém seus traços culturais mesmo após séculos de caminhada. Segundo as análises estatísticas, constatou-se um alto índice de analfabetismo e baixo nível escolar (alfabetização instrumental) nas famílias cigana, contudo estão inseridos nos sistemas tecnológicos de informação, tais como celulares. Infelizmente a maioria das crianças ciganas não chegam a completar o Ensino Médio, pois ao adquirirem uma básica instrumentalização, já estão aptos a participarem dos negócios da família.

[...] um menino com doze anos de idade já é considerado um homem dentro grupo e para os pais já está preparado para ter seu carro, sua casa e sua família. A menina, entre doze e treze anos, considerada mulher e pronta para o casamento, logo após o início de seu ciclo menstrual e apta a ficar sobre os cuidados da futura sogra até o nascimento de seu filho primogênito. Assim, a permanência por um período maior de tempo em uma escola poderia gerar

---

<sup>6</sup> Como são chamados os não-ciganos, ou seja, aqueles que não pertencem a cultura cigana por traços sanguíneos.



conflitos nas crianças ciganas e um conflito maior nos pais. (BORGES, Franco Andrei; COSTA, Kely Alves, 2011, p. 6)

Há sem dúvida exceções quanto a esse caso, visto que temos hoje no país pesquisadores e membros da comunidade cigana em frentes sociais e políticas em busca do reconhecimento e valorização de sua cultura. Não nos cabe julgar aspectos culturais de outra cultura, impondo valores da nossa própria cultura, porém a participação ativa na conscientização e respeito à diversidade, bem como a defesa dos direitos dessas populações, como direito à educação. E mais, uma educação que inclua o aluno cigano, seu contexto e suas manifestações culturais como elementos importantes na aprendizagem intercultural. Em contrapartida a essa evasão escolar, pode-se perceber, conforme apontado pelos autores, que o respeito está presente de todos para com todos, uma vez que participam ativamente nos assuntos que envolve a vida no acampamento, desde a criança que representa o futuro e a continuação da cultura, a um ancião que simboliza um verdadeiro “livro” da história do grupo. Assim um cigano nunca é cigano sozinho, ele necessita do outro para compreender a si mesmo, sendo que as chaves da identidade desses povos não se encontram no indivíduo, mas sim no grupo.

## CAPÍTULO II

### REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS E CULTURAIS DA CULTURA CIGANA

No capítulo anterior, em diálogo com os pesquisadores convocados para nossa discussão, pudemos percorrer os caminhos históricos que deixam claro o quanto os grupos ciganos espalhados territorialmente, foram em grande parte perseguidos pelo Estado, pela Igreja, pela Polícia e pela população local, que viam nos bandos ciganos uma presença ameaçadora devido as características culturais distintas à cultura predominante. Vimos também, o quanto esses sujeitos foram excluídos socialmente e tomados em seus direitos, sofrendo preconceitos e imposições que partiam sempre de estereótipos preliminares que considerava o ser cigano como um estrangeiro, e nunca como um cidadão que compunha junto a outros grupos – indígenas, quilombolas, pantaneiros, populações ribeirinhas e outros – a formação da nossa identidade nacional brasileira.

Pode-se dizer que o uso do termo “ciganos” é uma denominação genérica que pressupõe uma unidade, no entanto, é preciso destacar que há grupos e subgrupos que contém diferenças significativas entre si, mantendo relações de semelhança e/ou dessemelhanças umas com as outras a partir de aspectos simbólicos. Esses aspectos subjetivos são evidenciados principalmente pelo tipo de atividade exercida – caldeireiros, quiromantes e cartomantes, violinistas, artistas de circo, comerciantes de automóveis, colchas, jóias etc – e pelas variações dialetais que partem da estrutura linguística básica dos ciganos, o romani. Diante disso, para dar continuidade a história trataremos de apresentar e contrapor a esses estereótipos a diversidade cultural presente dentro da unidade étnica cigana, buscando evidenciar como a identidade cultural desses grupos se manteve após tantos atravessamentos vindos do convívio com múltiplas culturas.

#### **2.1 Um mosaico multicultural: semelhanças e diferenças culturais entre os ciganos**

Retomando a discussão sobre a definição de “ciganos”, dada pelo Padre Bateau em 1712, vemos que após mais de um século é feita a reedição do Dicionário da língua portuguesa, sob direção do brasileiro Antonio de Moraes Silva (1922) onde o ‘cigano’ é assim definido:

Raça de gente vagabunda, que diz que vem do Egito, e pretende conhecer de futuros pelas rayas, ou linhas da mão; deste embuste vive, e de trocas, e

baldrocas; ou de dançar, e cantar: vivem em bairro juntos, tem alguns costumes particulares, e uma espécie de Germania com que se entendem. Cigano, adj. que engana com arte, subtileza, e bons modos. (SILVA apud HILKNER: 2008, p. 45)

Ainda que permaneça a ideia pejorativa de serem estes vagabundos e de terem origem no Egito, outros fatores são acrescentados por Silva (1922), tal como o olhar voltado para o “cigano” que abandonou o cunho religioso e em seu lugar foi enfatizado “alguns costumes particulares”, em destaque para o idioma, a quiromancia, a musicalidade e a inevitável presença das danças. Pela primeira vez nos documentos oficiais estes são reconhecidos enquanto tendo uma cultura própria. Contudo, nossa discussão se aprofunda no sentido de desmistificar o cigano enquanto unidade coletiva, o “cigano típico” ou “cigano genérico”, para dar lugar as mais diversas singularidades e subjetividades presente nos sujeitos ou grupos a que pertencem.

Para esclarecer melhor sobre essas particularidades, nas últimas décadas pesquisadores apontam para a consagração de três grandes grupos ou “natsias”<sup>7</sup> de ciganos no Ocidente. Sendo eles: os Calón, os Sinti (ou Manouch) e os Rom. Cada grupo está vinculado a uma determinada região, sendo cada qual fortemente identificado a partir da relação de grupo estabelecido pelo grau familiar ou de parentesco a que pertencem. A pesquisadora cigana Regiane Aparecida Rossi Hilkner, em sua tese de doutorado *Ciganos: Peregrinos do Tempo - Ritual, cultura e tradição*, de 2008 usa da narrativa dos próprios ciganos (em tradução livre do romani) para detalhar as diferenças existentes em cada natsia, onde a palavra cigana assume uma dimensão ainda maior por se tratar de uma cultura ágrafa.

A *natsia Calón*, cuja o dialeto é o *Caló*, é oriunda da Península Ibérica, principalmente da Espanha e Portugal, onde ainda hoje muitos residem. Migraram a partir do século XVI, tanto para América quanto para outros países europeus. A origem do nome dessa *natsia* está relacionado a tipologia física, pois a palavra *calón* é derivada de *calin*, que em romani, diz de *pele da cor do cobre*. Foram estes os primeiros a chegarem ao Brasil, vindos de Portugal. Vestem-se de maneira colorida, com cores fortes e vibrantes. Com muitos adereços, em especial, dourados, refletidos em suas roupas e em seus dentes de ouro. De espírito livre, dizem ter a própria descendência, sendo que as mulheres desse grupo andam sempre em duplas ou trios e dedicam-se a quiromancia e cartomancia nas ruas em troca de dinheiro, o que para outros grupos ciganos representa um hábito “desonesto” que pode banalizar a cultura cigana.

---

<sup>7</sup> Palavra do dialeto romani que significa literalmente “nação” ou “povo”.

Sou cigana,  
 Venho de um povo marcado.  
 De onde viemos  
 e para onde iremos,  
 nada disso nos importa.  
 O que importa  
 é o muito que vivemos  
 (Esmeralda Liechocki, cartomante, cigana semi-nômade do grupo calón)  
 (PEREIRA, 199?, p.35)

Sou cigano, livre e feliz. Não tenho muito que dizer a não ser que vivemos como o vento: sem direção, sem caminho. Somos livres. Ninguém nunca conseguirá nos aprisionar, nenhuma natsia, somos a nossa própria natsia e somos a nossa própria descendência. Os dentes de ouro são nossa grande marca. (Calón Simeone Zott, 57 anos, 21/05/2008) (HILKNER, 2008, p. 58)



*Figura 5 Ciganas Calón de diversas idades dançam pelas ruas de Boa Vista do Tupim, cidade de 18 mil habitantes no sertão baiano, localizada a 327 quilômetros de Salvador. Foto: Paula Fróes/AzMina*

A fotógrafa Paula Fróes, em cobertura para reportagem *Das bonecas ao altar: por que há tantos casamentos infantis entre os ciganos brasileiros*, de Nana Queiroz<sup>8</sup>, faz um ensaio

---

<sup>8</sup> Nana Queiroz é jornalista e escritora, criadora do protesto Eu Não Mereço Ser Estuprada. Foi finalista do Troféu Mulher Imprensa 2016. Como jornalista, trabalhou nas revistas *Época*, *Galileu*, *Criativa* e *Veja*, além dos

fotográfico belíssimo sobre os ciganos da *natsia Calón*, presente na região nordeste do Brasil, e outras regiões do país.



*Figura 6 Roupas bordadas à mão, brilhantes e coloridas são a principal maneira que as ciganas encontram para expressar orgulho por sua identidade. Foto: Paula Fróes/AzMina*



*Figura 7 Os dentes de ouro permanecem uma marca importante da cultura cigana. Tem um valor estético, de marca de identidade e uma terceira função: expressar que sua família tem boas condições financeiras. Foto: Paula Fróes/AzMina*



*Figura 8 Fátima Almeida, 42 anos, é a sogra de Shanya, no fundo, e desempenha esse papel [de mãe] para ela. Foto: Paula Fróes/AzMina*



*Figura 9 Shanya, 15, e sua filhinha de 5 meses: já prometida para casar aos 13 anos, como a mãe. Foto: Paula Fróes/AzMina*

A *natsia Sinti*, também chamada de *Manouch*, encontra-se numericamente expressivas na Alemanha, Itália e França, e tem como dialeto o *Sintó*. Sua presença no Brasil data o final do século XIX. São muitas vezes confundidos com “turcos”, por terem migrado junto a outros povos. Segundo dados estatísticos adentraram a América entre 1819 a 1959 cerca de 5,3 milhões de portugueses, italianos, espanhóis, alemães e russos, imigrantes europeus registrados a partir de sua nacionalidade e não pela sua identidade étnica, ao que tudo indica nesse período tenham vindo junto a estes imigrantes também os ciganos Sinti/Manouch. Dizem serem grandes



cuidadores de ovelhas e cavalos, e mantém a perpetuação da memória através do vestuário. As ciganas *sinti* usam lenços cobrindo os cabelos, sem ter o intuito de enfeitá-lo como em outras *natsia*; dançam e tem na dança sua feitiçaria enquanto os homens tocam címbalos (instrumentos de percussão formados por dois pratos) em rituais de adoração.



Figura 10 Gypsy-Passion. Foto: Rolf Baverdick



Figura 11 Gypsy-Passion. Foto: Rolf Baverdick



Figura 12 Gypsy-Passion. Foto: Rolf Baverdick



Figura 13 Gypsy-Passion. Foto: Rolf Baverdick



Figura 14 Gypsy-Passion. Foto: Rolf Baverdick.



Figura 15 Gypsy-Passion. Foto: Rolf Baverdick

O escritor e jornalista alemão, Rolf Baverdick, captura em uma série fotográfica chamada Gypsy-Passion, ciganos e ciganas *sinti* durante cerca de cem viagens a 11 países, onde mergulhou na cultura de maior minoria da Europa. Com poder narrativo e benevolência crítica,

Bauerdick baseia-se na abundância de suas experiências que retrata a vida cotidiana dos ciganos, num processo investigativo que evidencia o empobrecimento dramático e o aumento dos conflitos étnicos na Europa.

Sendo o grupo *Rom* o mais demograficamente majoritário, há entre essa *natsia* outros cinco subgrupos ou *vitsa*<sup>9</sup> que são identificadas a partir da profissão tradicionalmente exercida, como é o caso dos *Kalderash* (palavra que significa “caldeira”, e remete a produção de utensílios em cobre), os *Machwaia* (comerciantes, que vivem de comércio ambulante e escambos), os *Lovara* (artistas circenses), os *Tchurara* (domadores de cavalos selvagens) e os *Vlax Romani* (grandes musicistas). São grupos de origem vinculada à Europa Central e aos Balcãs, e que migraram no século XIX para o leste da Europa e depois para América.

A *vitsa Kalderash* traz em si orgulhosa o ofício com as Caldeiras, conhecimento que é passado de geração em geração estimulando às crianças a arte do cobre e do bronze, contrariando à ideia de que ciganos são avessos ao trabalho. Dizem que as mulheres dessa *vitsa* são grandes feiticeiras e possuem os segredos da magia, e foram por esse motivo perseguidas pela Igreja que as queimavam nas fogueiras durante a Inquisição. Muitos ciganos desse grupo viveram em campos de concentração durante o regime nazista da Segunda Guerra Mundial, cujo marco se deu com massacre que culminou com a matança de quatro mil ciganos, em agosto de 1944, em Auschwitz. Veem no idioma romani a maior marca de reconhecimento do “cigano legítimo”, dizendo ser totalmente proibido ensinar o romani aos gadjós.

Muitos gadjós não sabem que a vida de cigano é uma vida difícil. Nós cozinávamos de cócoras, lavávamos roupas da mesma maneira. Nossa cama era um tapete; ali na barraca fechada, dormiam pais e filhos, todos juntos. Nós não somos mendigos ou ladrões como nos acusam os gadjós, seguimos apenas uma outra doutrina de vida; o Sol, a Lua e a Chuva fazem parte da nossa família. Quando chegávamos a um lugar e montávamos as nossas tendas, vinham sempre os gadjós e a polícia tira-nos dali, presos a preconceitos que seus antepassados passavam e ainda transmitem de geração à geração. Do preconceito à discriminação, até chegar à perseguição. A Igreja considerava pecado o costume cigano de ler a sorte nas cartas e fomos queimados na fogueira e, o Estado viu em nosso nomadismo um comportamento anti-social. Fomos proibidos de usar nossos trajes, de cores vivas, de falar nossa língua, de exercer nossos ofícios e também de nos casarmos com pessoas do mesmo

---

<sup>9</sup> Que em romani, aproxima-se da palavra “descendência”.



grupo. (Andrej Miki Kalderash, patriarca, 92 anos. Campinas, dia 04/05/2002)  
(HILKNER, 2008, p. 68)



Figura 16 Roms Chaudronniers. Foto: Eric Roset



Figura 18 Roms Chaudronniers. Foto: Eric Roset



Figura 17 Roms Chaudronniers. Foto: Eric Roset



Figura 19 Roms Chaudronniers. Foto: Eric Roset



Figura 20 Roms Chaudronniers. Foto: Eric Roset

O fotógrafo, Eric Roset, tem nos grupos Roms uma temática para suas narrativas, capturando em suas imagens o universo diversificado existente entre os ciganos. Em sua série *Roms Chaudronniers* (Ciganos Caldeireiros) o objetivo foi registrar a arte dos utensílios produzidos em cobre e que dá nome a esse grupo e as longas saias coloridas características das mulheres ciganas dessa descendência, os Kalderash. Há estudos que já evidenciam a



ramificação dessa *vitsa* em outras nacionalidades, os *Serbijája*, *Moldovája*, *Grekúrja*, *Vúngrika*, *Xoraxané* ou *Horahané*, porém que serão abordados neste trabalho.

A *vitsa Machwaia* (ou *Matchuara/Machvaya*) afirmam ter chegado ao Brasil logo após os Calóns. São grandes criadores de cavalos, e vivem do comércio desses animais, ou de outras trocas e barganhas. São ciganos em sua maioria já sedentarizados, porém que mantêm em suas residências características semelhantes aos acampamentos ciganos com grandes espaços livres, preenchidos por um grande número de pessoas e/ou famílias nucleares. Embora sedentarizados não vivem em casas luxuosas, sendo que a grande maioria encontra-se em condições de pobreza e contam com a ajuda dos *gadjós* para abastecimento de água e energia elétrica. Tendem a casarem-se com pessoas não-ciganas, e por isto mesmo, estão inclinados à perda da identidade étnica.



Figura 21 Roma Children, Terzi Mahala, Prizren. *Who we were, who we are: Kosovar Roma Oral Histories.*



Figura 22 Albert Osmani with his mother and aunt. Gracanica. *Who we were, who we are: Kosovar Roma Oral Histories.*



Figura 23 Svestenik Emil, Rom Priest, Novo Brdo. *Who we were, who we are: Kosovar Roma Oral Histories.*



Figura 24 Fatima Jasari, Novo Brdo. *Who we were, who we are: Kosovar Roma Oral Histories.*

Os *Lovaras* (ou *Lovari*), pertencente a outra *vitsa* cigana, demonstram claramente a fidelidade a tradição cigana. Vivem no Brasil principalmente nos estados de São Paulo e Rio

de Janeiro. Os lovaras mais velhos se recusam a adotar outro idioma (do país de assentamento) para não contaminação e alteração do idioma romani. São provenientes sobretudo da Romênia, país onde foram mantidos em estado de escravidão por um certo tempo. As vestimentas das ciganas Lovara são sempre estampadas e carregadas de jóias, enquanto umas usam lenços na cabeça para simbolizarem que são casadas, as solteiras usam-nos carregados aos ombros. O trabalho fotográfico de Carel Schutte se desdobra sobre os ciganos romenos, com destaque para o colorido presente em seus trajes. Sendo característica entre as mulheres dessa *vitsa* além do uso dos lenços, os cabelos trançados à frente, carregando algum adereço como fitas, moedas ou flores.



Figura 25 RROMA - Roemenië land van zigeuners. Foto: Carel Schutte



Figura 26 RROMA - Roemenië land van zigeuners. Foto: Carel Schutte



Figura 27 RROMA - Roemenië land van zigeuners. Foto: Carel Schutte



Os *Tchurara*, (ou também *Churára* ou *Tsurára*) são de uma *natsia* que procura manter a indumentária de raiz hindu, pois são oriundos da Índia e da Grécia. Utilizam diversificados adereços, com o intuito de ativar todos os sentidos ciganos. O enfeite colado a testa desperta a terceira visão, que possibilita o olhar sobre o futuro e o domínio da magia. As mulheres não usam lenços, e sim véus de proteção, sendo os cabelos longos também para caracterizar que estão “cobertas” e a abundância de adereço que procuram agradar a Bel Karrano, que em romani significa Deus.



Figura 28 *The Red Turban, Kanud. India. Foto: Joakim Eskildsen*



Figura 29 *Kamla, Mariam, Zarina, Manissa and Sabnam, Badka. India. Foto: Joakim Eskildsen*



Figura 30 *House in the Thar, Kanud. India. Foto: Joakim Eskildsen*



Figura 28 *Baji and Kusba, Samod. India. Foto: Joakim Eskildsen*

Em *The Roma Journey* (As viagens de Roma), o fotógrafo Joakim Eskildsen, registra por meio de suas lentes as belezas distintas da etnia cigana culturalmente diferenciada por cada região, são eles ciganos da Índia, da Grécia e da Rússia.



Figura 32 The Zafiropoulos Family, Glykia. Greece.  
Foto: Joakim Eskildsen



Figura 33 Dimos and Serpe, Veria. Greece. Foto:  
Joakim Eskildsen

Já os ciganos da vitsa Vlax Romani, são grandes musicistas e vestem-se com roupas negras ou escuras, devido aos rigorosos invernos que passaram em suas carroças, na Rússia.



Figura 34 Charlotta's Baby, Obukhovo. Russia.  
Foto: Joakim Eskildsen



Figura 35 Tamara and Katya, Leskovo. Russia. Foto:  
Joakim Eskildsen



Figura 36 Kosaya Gora I. Russia. Foto: Joakim  
Eskildsen



Figura 37 Rosalind, Krasnodar. Russia. Foto:  
Joakim Eskildsen



(...) enquanto alguns grupos trabalham para não-ciganos (Kalderash, Machwaia, Tchuraras), outros rejeitam qualquer tipo de sujeição (Lovara, Vlax Romani), enquanto alguns grupos só utilizam a vestimenta cigana em festas rituais (Kalderash, Sinti/Manouch) outros utilizam no dia-a-dia (Calón, Lovara), enquanto alguns grupos não aprendem a língua de seu país de assentamento (Lovara, Vlax Romani) outros utilizam a língua não-cigana até mesmo em reuniões entre ciganos (Kalderash, Tchurara, Machwaia), enquanto um grupo pratica a quiromancia por dinheiro (Calón) outros não (Kalderash, Machwaia, Lovara, Tchurara), etc. (HILKNER, 2008, p. 63, 64)

Como podemos notar, não existe uma identidade única entre todos os ciganos, estes se formam a partir de múltiplas identidades. Historicizar os ciganos nos remete a compreendê-los em suas pluralidades, pois são atravessados pelas adaptações às condições espaço-temporais advindas dos processos migratórios e dos diversos contatos interculturais que ao mesmo promoveu a resistência cultural, mas também o hibridismo. A história das comunidades ciganas historicamente diferenciadas nada mais é do que a reconstrução de um mosaico étnico, que nos faz refletir o quanto o termo “ciganos” é se não uma generalização reducionista que invalida as diferenças e contraste culturais em valor de uma uniformidade que anula os aspectos da identidade cigana ora compartilhados por todos os ciganos, outros particulares de cada subgrupo e ainda aspectos selecionados pelo indivíduo numa sociedade multicultural.

## **2.2 Diálogos sobre a Interculturalidade**

O processo migratório que rompeu com as barreiras territoriais entre os povos também contribuiu para o aumento da demografia multicultural em todos os continentes e países. Temos hoje cada vez mais contato com os diferentes contextos culturais, num processo crescente que vai de encontro com as fronteiras subjetivas e simbólicas que antes nos impediam de interagir com o diferente e o desconhecido. Ao passo que essas barreiras são diluídas o contato entre as pessoas aumenta, a necessidade de compreender e ser compreendido nos gestos, ações, palavras e pensamentos está voltado para forma como nos comunicamos. Segundo a área da Comunicação, surge um novo campo teórico responsável em estudar as formas de comunicação entre diferentes culturas e entre diferentes pessoas mediada pela interação entre elas – trata-se da interculturalidade.

Milton J. Bennett, um dos maiores especialistas nessa área, acredita que a diferença entre os povos e entre as pessoas faz com que criemos um distanciamento que acaba por eliminar aquilo que é diferente de nós. Vivemos mergulhados em um etnocentrismo que nos faz enxergar somente a partir do ponto de vista da nossa cultura, ou seja, vemos o mundo da forma como nos foi ensinado e o que aprendemos sobre a realidade. O fato é que, o que tomamos como realidade está fortemente relacionada ao nosso contexto, porém não podemos negar que num mundo cada vez mais conectado outros contextos e novas realidades nos é apresentado e com isso somos impelidos a aproximação ou ao distanciamento destes. Em entrevista, Bennet (Online) afirma que a comunicação intercultural *defende que as pessoas precisam primeiro entender a si, aprender a dar significado a suas próprias formas de comunicação, para só então poder criar significados que façam sentido para todos os outros.*

Os adjetivos pejorativos que por tantos anos foram associados aos ciganos, como “sujos”, “trapaceiros”, “ladrões”, “vândalos”, “vagabundos”, “trambiqueiros” foram evidentemente um comportamento aprendido e reproduzido no sentido de evitar as diferenças e eliminar o povo culturalmente minoritário. O fato de serem estes grupos perseguidos por sua identidade étnica e cultural e a eles terem sido negados os direitos fundamentais a qualquer cidadão, como à estadia (ainda que temporária) nas cidades, ao trabalho para sobrevivência, à expressão de seus costumes tradicionais, aos bens e posses de que detinham e à união da família representa sobretudo uma violação da humanidade desses sujeitos, além ser esta uma forma de imposição autoritária de uma soberania cultural que se considera como sendo “superior” às demais formas de manifestações culturais.

Quando criamos significados ao nosso cotidiano cultural damos sentido à vida, porém ao voltarmos o olhar para outros repertórios culturais vemos uma perda de sentido aos significados por nós atribuídos, disso resulta uma tensão ou desconforto entre duas pessoas de culturas diferentes. Para uma melhor interação entre elas é preciso reconhecer que a diferença existe e aceitar a realidade de cada um em seu universo cultural, assim sendo acabamos por criar um espaço de adaptação e integração, um território chamado de *terceira cultura*, como defendido pelos interculturalistas.

Cada vez mais está sendo usado na área o termo “terceira cultura” para definir essa interação. Eu estou tentando me adaptar a você, você está tentando se adaptar a mim, mas nem eu quero ou posso me tornar você e nem você quer ou pode se transformar em mim. Apesar disso, ambos tentamos entender o mundo um do outro, e isso gera um espaço em comum entre nós, que não diz

respeito nem à minha cultura e visão de mundo e nem à sua. (BENNETT, online)

Desenvolver aquilo que os estudiosos do tema dizem por inteligência contextual é sobretudo criar uma comunicação eficaz e uma competência intercultural que permita reconhecer o contexto cultural como um todo, muito mais do que somente aprender a língua ou colher informações pinçadas de outra cultura. A competência intercultural nos coloca em harmonia com todas as diferenças, sejam elas étnicas, culturais, sociais, sexuais, de gênero e outras, logo, a partir da não rejeição ou eliminação do diferente eu consigo mover-me por contextos diversos, e com isso aumentar a minha habilidade de comunicação com pessoas de diferentes culturas, sem com isso perder minhas raízes culturais primeiras. A interrelação entre culturas se dá pela reciprocidade, quando uma não se sobrepõe a outra mediante jogos de poder, mas quando ambas se reconhecem no respeito e apreciação da diversidade.

### **2.2.1 Um dia no acampamento: análise de uma experiência intercultural**

Em um dado momento da pesquisa, vi-me interessada em fazer uma busca por grupos ciganos na cidade onde resido, estudo e trabalho – Uberlândia, Minas Gerais. Em conversas informais com amigos e professores, estes me contavam sobre a presença desses grupos em alguns bairros, conhecidos antigamente como “bairro de ciganos”, e também da presença constante de mulheres ciganas na praça Tubal Vilela (recentemente renomeada como praça Ismene Mendes), onde se punham a ler as mãos dos transeuntes em troca de dinheiro. Sendo Minas Gerais um dos três estados, ao lado de Goiás e Bahia, com maior concentração de famílias ciganas<sup>10</sup> me questionei onde estariam então os ciganos hoje no espaço da cidade. Foram eles engolidos pela sociedade uberlandense ou foi a cidade mineira que os margeou?

Na busca por encontra-los e na tentativa de registrar o caminho até eles, coloquei-me a descrever em curtas frases os passos que se seguiram no contato com esses grupos. Apresento a seguir, um relato pessoal do primeiro dia no acampamento, parte do trabalho de campo realizado durante o mês de junho de dois mil e dezoito, com famílias ciganas que moram em acampamentos no bairro Pampulha.

---

<sup>10</sup> Segundo a Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), do Ministério do Direitos Humanos, os dados recolhidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2011) constatou que foram identificados 291 municípios que abrigam acampamentos ciganos, localizados em 21 estados, sendo Minas Gerais (58), Bahia (53) e Goiás (38) os estados com maior concentração de acampamentos ciganos.

Uberlândia, 28/06/18

*Decido por traçar um percurso, um primeiro deslocamento. Rumo ao terminal central, diante de olhares de espanto, pergunto: em que bairro os ciganos estão? Um número e uma parada - A118 – plataforma 11 - Pampulha. Ao desembarcar, na dupla avenida, caminho por vários quarteirões de ruas compridas, sem muita movimentação. Percebo estar chegando quando, próximo as margens do bairro, vejo de não tão longe as barracas, feitas de lonas azuis e alaranjadas.... Uma tremenda timidez me invade: o que tenho eu a dizer? Avisto as ciganas, e um universo de cor. Lembro-me bem da cortina branca e vermelha de cetim brilhante, que dividia o interior da barraca vista de fora. De lá, uma cigana (Rosimeire) ficou a me olhar. Diante o nervosismo e tanta novidade faço todas as perguntas, porém erradas. “- Por onde passa o ônibus aqui por perto?” Seu dizer era arrastado, imagino ser por conta do idioma primeiro. Não quero ir, quero adentrar, mas como? Trocamos poucas palavras, só a informação solicitada. Continuo andando, como quem busca auspiciosa mapear os arredores, as pessoas e os detalhes. Um menino de bicicleta me aponta “- Fica ali o ponto do ônibus”. “- Vai demorar? - Vai!”. Ótimo pretexto, continuo a caminhar, ao passo que ando, troco olhares; os homens (seriam ciganos?) resistem em me cumprimentar. Vou aos poucos deixando a timidez respirar. Encontro outras duas ciganas, uma falante e sorridente, dente de ouro. A outra, não trocou nenhuma palavra, apenas me olhou profundamente. Digo quem sou, o que faço, e qual o meu desejo: conhecer “os ciganos” e o acampamento. Elas dizem morar em casa, ali por perto, e logo se vão. Que lamento! Mais alguns passos e avisto uma jovem, que idade terá? 14 anos, penso (seu nome, não me lembro...) pergunto se é cigana? e em tom baixo ela diz que sim. Me apresento, pergunto se mora ali. Mas antes, antes de acenar e ela vir ao meu encontro estava ela lavando roupas, em baldes. Vestia saia, uma blusa de alça, e os sutiãs de bojo à mostra. Muito jovem, uma menina, mas já mulher com sua própria barraca. Logo, não sei de onde, uma outra cigana se aproxima. Com seus 40 e poucos anos, tinha o rosto marcado por uma cicatriz. Era mãe da menina, e trazia nos braços o neto. Disse de novo quem eu era, e minha fala (ainda tímida) tornava-me diferente delas. Então, subitamente surge o convite “ - quer conhecer meu barraco? - sim! quero sim!”. Deixamos a jovem por lá, atravessei a cerca de arame e caminhamos juntas cruzando o acampamento. Ela, a cigana de rosto marcado, disse seu nome: JACI (não vou me esquecer!). Respiro aliviada. Uma boa aproximação seria um passo para a não rejeição? o que está por vir? Estou falante, em mente e coração. Chegando debaixo da barraca, ela puxa a única cadeira me convidando a sentar. Lá estava senhora cigana (Maria, sogra de Jaci) e seu marido deitado em cama só de lona.*



*Pouco dizia, só me observava. Enquanto eu, observava as galinhas, as panelas, o chão batido de terra. Jaci me apresenta como sendo aquela 'que gosta de ciganos'. Muitas perguntas: de onde vim, quem são meus pais, quantos anos tenho, se sou casada, se tenho filhos, e a mais curiosa delas, porque estou sozinha. Jaci olha para marido de tempos em tempos, como se comunicassem por alguns segundos de silêncio. Falei sobre a beleza das colchas e cobertores pendurados nos varais e outros tantos empilhados no interior do lugar. Algum tempo depois, outras duas ciganas chegam à barraca, uma primeiro depois a outra, assim me rodeavam. A menina é ainda mais nova, por isso não é casada. Vejo em seu rosto e suas mãos tatuagens com tinta esverdeada. A outra, já senhora, observa meu cabelo e disso vem falar: “que bonito o cabelo dela”, diferente das demais. “Quem é ela? Cadê seus pais?”. Pergunta vem, pergunta vai: se lêem mãos ou jogam cartas a resposta é que “não!”, na fala do homem cigano “esse é outro tipo de ciganos”. Com que trabalham? Vendagens. As mulheres vendem panos de pratos, os homens carros usados. Jaci então exclama: Manda chamar o Luciano!!! “- Luciano, Luciano!!!” Ele é um rapaz de uns 18 anos. Pega na minha mão num cumprimento forte. Jaci de novo me apresenta: “ela gosta de ciganos”. Pergunto de que etnia são: Rom, Calón, e antes que eu terminasse... Fui de novo surpreendida “- você fala nossa língua?”, todos olhavam desconfiados. “- Não, não...”, respondo apressada, só estudei algumas palavras. Sem resposta sobre suas origens... Falou-se então em casamento: “Vamos casar você com o Luciano” – diz a cigana que me levou até lá. Risadas vinham acompanhadas de um certo desconforto. “Não... não, não vim para me casar”, digo logo. Queria só conhecer os ciganos! “- Mas ciganos casam com quem não é cigano? - Casam sim, com os moradeiros”. Ali haviam duas que tinham se casado. Se misturado. E foi assim que o assunto caminhou, como eu caminhei. E num ato de acolhimento, aquilo que foi falado, quase virou casamento marcado.*

O desejo que me levou a estudar a cultura cigana ainda permanece num campo subjetivo da minha formação enquanto sujeito, uma vez que não tenho traços sanguíneos ou de parentesco com esses grupos. Ler sobre a história dos povos ciganos e reconta-la à luz da ciência me despertou ainda mais interesse em conhecê-los de perto, em seus modos de vida e costumes culturais tão distintos daqueles que fui criada. Muito tive que desconstruir sobre os arquétipos, misticismos e estereótipos atribuídos a eles, porém o desejo de aproximação continuava latente, o que me levou a conhecer algumas famílias ciganas que vivem de forma semi-nômade nas margens do bairro Pampulha. Segundo Jorge Larrosa Bondía, professor da Universidade de Barcelona, na Espanha *a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.*

(LARROSA, 2002, p. 21) E essa experiência, tão significativa no contato com outra cultura me fez produzir alguns pensamentos e reflexões.

O primeiro desafio a ser enfrentado foi o medo da rejeição. Por se tratarem de comunidades tradicionais com costumes próprios, o modo como estava vestida, meus traços físicos, minha fala e postura me faziam nitidamente diferente deles, e sem dúvidas isso influenciaria na forma como seria percebida, como “uma estranha”, uma não-cigana. Contudo, tinha a certeza de que não seria possível adentrar e conhecer outra cultura, sem reconhecer primeiramente que tenho a minha própria história, e negar essa diferença seria enganar a mim e a eles. *Uma boa aproximação seria um passo para a não rejeição?* Quando se trata de um de trabalho de campo onde lidamos diretamente com as pessoas, aprendi com minha orientadora, que o quanto mais sincero e claro formos sobre o nosso propósito ali, mais receptivos e menos desconfiados se tornam os sujeitos pesquisados, sendo esta também uma maneira de demonstrar respeito a eles e valorizar sua cultura.

Por terem também sofrido com os preconceitos vindos da sociedade civil houve receio de que a interação não fosse possível, uma vez que a princípio eles demonstram serem fechados e desconfiados em relação aos não-ciganos. As barreiras não são físicas, pois por viverem em terrenos abertos a visão do todo contribuí para perceber rapidamente a chegada de um desconhecido próximo ao acampamento. O olhar cigano é um olhar atento e analítico, e até ganharem confiança são de poucas palavras, além do fato de que ninguém adentra uma barraca se não for convidado. A expressão “moradeiros/as” se refere a pessoas não-ciganas que moram em casas, enquanto eles ciganos semi-nômades apenas fazem pouso, para dali partir para outro lugar. Essa característica é evidenciada pelos próprios ciganos como uma diferença de costumes, portanto cultural, bem como o entendimento sobre a língua cigana – transmitida oralmente - usada apenas por eles como traço de identificação.

Outro aspecto relevante, importante aos interculturalistas, é sobre como nos comunicamos com pessoas de outras culturas. Por mais que minhas intenções fossem a de estabelecer laços de amizade e respeito para com eles, ao estar num território desconhecido nos vemos tomados por uma timidez e insegurança relacionadas ao primeiro contato. *O que tenho eu a dizer?*, me perguntava durante caminho. A tensão estava posta, dado que eu não queria demonstrar que por ser da Universidade isso me colocava acima deles, pelo contrário, estava ali justamente para aprender com eles - os próprios ciganos - sobre seu universo particular. Mais do que falar estava disposta a ouvi-los, mas percebi diante a tantas perguntas, que a curiosidade sobre quem são, o que fazem, de onde vem e para onde vão, também partia deles na busca por conhecer mais sobre mim. Compreendi então, que o espaço do diálogo criado embaixo da

barraca, foi o primeiro momento em que a reciprocidade cultural não encontrou lugar para a discriminação, independente das nossas diferenças.

A interpretação sobre o que foi dito sem dúvida passou também por pequenos descompassos, comum no encontro entre duas realidades distintas, mas que foram logo ajustados em um processo natural de ressignificação e adaptação. *E num ato de acolhimento, aquilo que foi falado, quase virou casamento marcado.* Ao ser indagada sobre o motivo de viver sozinha em uma cidade como Uberlândia, longe dos meus pais, os ciganos se deparam com uma realidade diferente da deles, que é viver em bandos perto dos seus familiares. E por se tratarem de sujeitos grupais, onde o grupo representa união e fortalecimento, traduziram que sendo eu *aquela que gosta de ciganos* (segundo a fala de Jaci), pelo fato de reconhecê-los como ciganos, saber de suas diferenças e mesmo assim buscar pela aproximação, uma vez que minha presença desacompanhada no acampamento pode ter significado vulnerabilidade, responderam num ato de acolhimento, que estão abertos para interrelação com os não-ciganos, como é o casamento, traço cultural e simbólico dessa cultura, representa “abrigo”, “família”, “união”.

O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. (BONDÍA, 2002, p. 24)

Em uma segunda visita ao acampamento cigano do bairro Pampulha, onde fui acompanhada com minha orientadora, a aproximação se deu de forma diferente com as ciganas e as crianças. O primeiro contato foi ainda desconfortável e arredo, mas aos poucos outras mulheres foram nos dando abertura, como o caso de Aparecida (Cida) uma cigana com seus 50 anos, que remendava uma saia sentada no chão da calçada. As crianças vieram todas eufóricas fazendo perguntas e se apresentando, como foi o caso de Isabela que apresentou todos os nomes de seus familiares que viviam no acampamento. Quando questionada sobre “o que mais gosta de fazer?” (Roberta), ela logo respondeu: “- Conversar!” Vemos ainda hoje a presença forte da oralidade nos acampamentos, como gesto de espontaneidade presente nas crianças ciganas.

Enquanto Cida costurava, sentei-me do seu lado, para ficar mais próxima e com isso simplesmente conversar. Aos poucos as perguntas foram surgindo, e as respostas nos aproximando. Aparecida é cigana viúva, tem casa em Caldas Novas-GO, mas está de passagem por Uberlândia. Eu, nasci em Guaíra-SP, moro em Uberlândia, mas também vivo de passagens, ora aqui, ora lá. Ela então me contou uma história, disse que uma de suas filhas havia ficado

viúva, e que estava precisando de roupas para ela e para suas crianças, pois segundo a fala de Cida, quando alguém da família morre eles têm o hábito de queimar tudo. *“Porque às vezes, a gente olha para colcha que cobria junto e sente saudade”*. Roberta, já experiente na comunicação intercultural, logo expôs como nós, diferente da cultura de Cida, agimos. *“Temos o hábito de guardar as coisas para lembrar”*. No final, todas nós entendemos que o fato de queimar afastava o sofrimento enquanto guardar trazia lembranças, e a comunicação se deu de forma eficaz. Esse foi um momento onde os encontros simbólicos e culturais distintos fizeram parte de uma comunicação onde não se estipula relações de certo ou errado, cada qual responde segundo seu próprio contexto, e entender o contexto do outro nos faz mais abertos e receptivos na interrelação cultural.



Figura 38 Acampamento cigano no bairro Pampulha.  
Foto: Maíza Tuissi



Figura 39 Vista interior da barraca cigana, no bairro Pampulha.  
Foto: Maíza Tuissi



Figura 40 Mateus, Tauane, Yan, Isabela, Lizaél. Foto:  
Maíza Tuissi



Figura 41 Mikael, Isabela, Mikaela, Mateus, Maíza.  
Foto: Eduardo





*Figura 42 Aparecida, cigana semi-nômade, ao lado de Isabela e Tauane. Foto: Maíza Tuissi*



*Figura 43 Interrelação entre mulheres ciganas e não-cigana. Foto: Maíza Tuissi*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomar a história dos povos ciganos, espalhados histórica e geograficamente pelo mundo não é uma tarefa fácil a nenhum pesquisador, pois durante toda a trajetória peregrina desses povos estes puseram-se a caminhar como forma de resistência. Resistiram primeiro ao sistema de castas da Índia Antiga, depois resistiram a tentativa de dizimação cultural e étnica dos ciganos pelos governos da Europa. Resistiram à Inquisição, onde muitos deles foram queimados nas fogueiras acusados por feitiçaria, e resistiram ao nazismo quando tiveram tratamento igual aos dos judeus. No Ocidente, também tiveram que resistir e resistiram às forças opressoras policiais e aos grandes fazendeiros que negavam pouso em suas terras. Durante mais de seis séculos de resistência a defesa de sua identidade étnica e de seus valores culturais tem sido consolidada através da oralidade, porém os choques culturais deixaram marcas profundas nas relações entre ciganos e não-ciganos até os nossos dias.

Muitos avanços foram conquistados nas últimas décadas, a começar pelo marco de 1971 durante o primeiro Congresso Mundial Rom, celebrado em Londres, quando se pensou ser necessário a criação de um hino internacional (Djelem Djelem/ Caminhei, Caminhei) e uma bandeira comum cigana, que representasse a união entre as diversas comunidades ciganas dispersas pelo mundo. Em 1976, a Índia concedeu aos ciganos a condição de cidadãos hindus no exílio, valorizando a dispersão pelo mundo como um aspecto importante de sua sobrevivência enquanto etnia. No Brasil, mais tardiamente foi instituído em 2006, o Dia Nacional do Cigano, a ser comemorado no dia 24 de maio de cada ano, em decreto assinado pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva e vice Dilma Rousseff.

O Conselho Nacional de Educação (CNE), por meio da Câmara de Educação Básica, definiu a Resolução nº 3, de 16 de maio de 2012, sobre diretrizes para o atendimento de educação escolar para populações em situação de itinerância. As crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância deverão ter garantido o direito à matrícula em escola pública, gratuita, com qualidade social e que garanta a liberdade de consciência e de crença. Nesse sentido, a inserção e constância de crianças, adolescente e jovens na escola vem aumentando, uma vez que o índice de analfabetismo entre os ciganos nômades no Brasil representa 90%. Há ainda muito o que ser feito, como por exemplo, os poderes públicos propor um projeto que leve a esses grupos itinerantes um modelo de escola também itinerante e que possa trabalhar a partir da realidade contextual desses grupos, valorizando sua cultura e identidades desses sujeitos.

Em relação à população cigana total, estima-se que há em torno de meio milhão de ciganos no Brasil, identificados 291 municípios que abrigavam acampamentos ciganos,

localizados em 21 estados. Aqueles com maior concentração de acampamentos ciganos são Minas Gerais (58), Bahia (53) e Goiás (38). Os municípios com 20 a 50 mil habitantes apresentam a mais alta concentração de acampamentos. Desse universo de 291 municípios, 40 prefeituras afirmaram que desenvolviam políticas públicas para os Povos Ciganos, o que corresponde a 13,7% das que declararam ter acampamentos, segundo a secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social – SEPPIR, por meio da Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais – SECOMT, que tem intensificado o diálogo com parceiros do Governo Federal para atendimento de políticas públicas específicas que garantam os direitos humanos, sociais e culturais dos Povos Ciganos.

## REFERÊNCIAS

- HILKNER, Regiane Aparecida Rosssi. **Ciganos: Peregrinos do Tempo – Ritual, cultura e tradição.** / Regiane Aparecida Rossi Hilkner. – Campinas, SP: [s.n.]. 2008.
- FONSECA, Maria de Lourdes Pereira. **Espaço e cultura nos acampamentos Ciganos de Uberlândia.** 1996. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Nacional de Brasília, Brasília, 1996.
- BORGES, Franco Andrei. **Os Ciganos de Uberlândia e a questão de suas crianças na escola.** Uberlândia. 2010. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.
- PEREIRA, Cristina da Costa. **Ciganos: a oralidade como defesa de uma minoria étnica.** p. 34-39. Disponível em: [http://www.lacult.org/docc/oralidad\\_04\\_34-39- Ciganos-aoralidade.pdf](http://www.lacult.org/docc/oralidad_04_34-39- Ciganos-aoralidade.pdf). Acesso em: 21 set. 2018.
- BENNETT, Milton J. **Interculturalidade. Você sabe o que é?** Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI250960-15228,00>. INTERCULTURALIDADE+VOCE+SABE+O+QUE+E.html, acessado em: 5 jul. 2018.
- TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos Ciganos no Brasil.** Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.
- TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **A questão cigana: uma introdução.** Correrias de ciganos pelo território mineiro. Dissertação-Mestrado em História, Belo Horizonte, UFMG, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir; nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1977.
- FERRARI, Florencia. **Ciganos nacionais.** Acta Literaria, São Paulo, v. 32, p.79-96, 2006.
- MOONEN, Frans. **A História Esquecida dos Ciganos no Brasil.** Saeculum Ii, Recife, p.123-138, 1996.
- HELSTELA, Hanna Maria. **Going global: aprendizagem intercultural como desafio empresarial.** Manual de Treinamento e Desenvolvimento: Processos e Operações, São Paulo, v. 2, p.267-277, 2013.
- QUEIROZ, Nana. **Das bonecas ao altar: por que há tantos casamentos infantis entre os ciganos brasileiros.** 2017. Disponível em: <https://azmina.com.br/especiais/pequenas-esposas/>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- ROSET, Eric. **Roms Chaudronniers.** 2005/2009. Disponível em: <http://www.eric-roset.ch/chaudronniers/fr.html>. Acesso em: 11 set. 2018.
- BAUERDICK, Rolf. **Gypsy-Passion.** Disponível em: <http://rolfbauerdick.de/fotografie/gypsy-passion>. Acesso em: 26 out. 2018.



ESKILDSEN, Joakim. **The Roma Journeys.** 2000/2006. Disponível em: <http://www.joakimeskildsen.com/default.asp?Action=Menu&Item=113>. Acesso em: 12 nov. 2018.

SCHUTTE, Carel. **RROMA:** Roemenie land van zigeuners.. Disponível em: <https://www.carelschutte.nl/portfolio/roma/>. Acesso em: 02 dez. 2018.

Project Background. **Who we were, who we are:** Kosovar Roma Oral Histories. 2001. Disponível em: <http://www.balkanproject.org/roma/background.shtml>. Acesso em: 20 out. 2018.

<http://www.amsk.org.br/>

<http://amskblog.blogspot.com/>

<http://www.seppir.gov.br/>